

O número 14 da **Revista M.** é dedicado ao dossiê sobre *Iconografia e cultura material da morte no Mundo Antigo*, organizado por **Fábio Vergara Cerqueira**, professor Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, e **Camila Diogo de Souza**, professora visitante junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Especialistas no estudo da Antiguidade, reuniram significativo número de investigadores dedicados à reflexão sobre a morte, através de imagens e monumentos. O estudo arqueológico se entrelaça com os da Antropologia e da História, permitindo que os leitores se aproximem das ideias e práticas em torno da morte. Os testemunhos visuais e materiais mobilizados em cada um dos artigos são utilizados pelos autores para revelar aspectos rituais, sociais, econômicos ou políticos; ou seja, a multidimensionalidade da morte no mundo antigo.

Ainda que alguns dos artigos estejam centrados, sobretudo, na análise iconográfica, e que outros voltem-se mais para a análise de vestígios materiais, e que um importante conjunto se dedique a refletir sobre os monumentos, estas três temáticas não deixam de estar presentes em todos os artigos, permitindo-nos compreender o passado por intermédio de suas imagens e vestígios materiais.

\* Doutor em Estudos Mesoamericanos pela Universidade Nacional Autónoma do México. Professor Pesquisador da Área Acadêmica de História e Antropologia da Universidade Autónoma do Estado de Hidalgo (UAEH). Membro do Sistema Nacional de Pesquisadores do México. Presidente em exercício do Conselho Editorial da Universidade (UAEH). CV: Manuel Alberto Morales Damián ([uaeh.edu.mx](http://uaeh.edu.mx))

Muito sugestiva é a interpretação histórica de **José Roberto Pellini**, professor do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais, que abre o dossiê com o artigo *Caminhando com Amenemhet em seu funeral: afetando e sendo afetado na Tumba Tebana 123*. O texto propõe que as cenas nas paredes dos túmulos faraônicos não são simples representações, mas estratégias discursivas a partir da materialidade do edifício funerário. O significado das cenas é resultado da interação com o público que, ao entrar na capela, ativa o significado das imagens.

O artigo de **Cássio de Araújo Duarte**, professor do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia Médio-Oriental da Universidade de Santo Amaro, intitulado *Cosmos das imagens: um vislumbre da iconografia das urnas funerárias da 21ª dinastia*, também se baseia em análise visual. O autor reconhece como novos elementos religiosos são integrados na iconografia das urnas funerárias, embora a estética Ramesside seja mantida. A partir de um trabalho cuidadoso, entende como essas imagens constituíam um complexo sistema icônico, cujo simbolismo garantia que os mortos fossem protegidos, regenerados e integrassem a dinâmica do cosmos.

Quatro túmulos aquemênidas da necrópole de Naqš-e Rostam, construídos durante a predominância do zoroastrismo, mas que não respondem às práticas funerárias dessa religião, são o ponto de partida de **Otávio Luiz Vieira Pinto**, professor do Departamento de História e do Programa em Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. No artigo intitulado *Pela vontade de Ahura Mazdã. Morte, monumentalidade e memória na necrópole aquemênida de Naqš-e Rostam*, afirma que os monumentos funerários faziam parte de uma tecnologia de memória, cuja função não era religiosa, mas política.

Na década de 1990, um trabalho arqueológico foi realizado em Kefalonia, no Monte Borzi, encontrando uma estranha combinação de ossuário e tholos, uma tumba circular. A análise osteológica que começou a ser realizada há cerca de cinco anos, permite a **John Albanese**, professor de Antropologia Biológica e Antropologia Forense junto ao Department of Integrative Biology da University of Windsor, propor o artigo *Some Preliminary Finds from the Tholos Tomb and Ossuary at Borzi Hill, Tzannata, Kefalonia: An Example of a Multidisciplinary Approach to Understanding of the Lives and Deaths of Mycenaeans*, no qual demonstra a importância de uma análise sistemática de restos de ossos de animais e humanos.

Mais interessada na cultura material, **Alexandra Alexandridou**, professora de Arqueologia Clássica do Departamento de História e Arqueologia da Universidade de Ioannina, analisa os vasos de cerâmica do cemitério de Dypilon, que deve ter sido apenas parte de uma vasta necrópole em Atenas. O artigo, *The "Dipylon" vases and their graves: the end of exclusivity In Early Iron age Athens* está assentado sobretudo numa perspectiva arqueológica, por meio da qual demonstra que os ritos funerários desempenhavam um papel importante na manutenção da homogeneidade e identidade do oikos e, assim, impactavam a sobrevivência da polis.

**Pauline Schmitt Pantel**, professora Emérita da Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne, assina *Mort, mémoire et politique à Athènes au Vème siècle avant J.-C.*, no qual analisa os relatos da morte de políticos atenienses do século V, tendo como ponto de partida as Vidas de Plutarco. A autora utiliza a Antropologia histórica para localizar as práticas em torno da morte no universo de crenças da Antiguidade Clássica, enfatizando que elas inegavam a construção de uma identidade política.



A partir da análise iconográfica de um pilar funerário e apoiado em fontes literárias, **Sylvain Perrot**, pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique, em Estrasburgo, nos aproxima do cotidiano e do contexto cultural de Quios, por volta do século III a.C., evidenciando o papel histórico-cultural da música para a sociedade quiota, no artigo intitulado *Citharodie et rhapsodie sur un pilier funéraire de Chios (IIIe siècle av. J.-C.): de l'image au contexte culturel*.

**Luciane Munhoz de Omena** e **Paulo Yoke Oliveira Arima**, ligados ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, assinam o artigo *Os meandros dos espaços de recordação no monumento funerário de Otávio Augusto (séc. I a.C – I d.C.)*, no qual demonstram que o Mausoléu de Octávio Augusto funcionava como cenário para uma cerimônia teatral que permitia aos membros da família preservar a memória e manter a estrutura social e política na Roma antiga.

Em *A naenia no funeral: revisitando o famoso relevo de Amiternum*, **Claudia Beltrão** e **Paulo Márcio Feitosa**, ligados ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, aproveitam os testemunhos materiais, imagens e inscrições da chamada "Arqueologia do rito", para desenvolver uma análise na qual vinculam Arqueologia e História das religiões. O artigo investiga o relevo de Amiternum, objeto de múltiplos estudos, com vistas a identificar um cortejo fúnebre e nos convidar a recuperar a natureza multissensorial do rito, destacando o papel do som e o lamento fúnebre da naenia.

Um conjunto de monumentos funerários romanos representam cenas nas quais barcos são rebocados e **Yves Rolland**, pesquisador associado na Université Lumière Lyon 2, tenta explicar o papel destas imagens no artigo intitulado *Les scènes de halage sur les monuments funéraires romains: symbolisme ou réalité?* O texto mostra que os sepultamentos não correspondiam a trabalhadores, mas a ricos empresários de vinho ou tecidos que usavam o transporte fluvial. Demonstra que as cenas representavam as ferramentas e técnicas de navegação de forma realista, sem que deixassem de conter elementos simbólicos.

Alicates, limas, martelos e algumas armas da Idade do Ferro são parte do material analisado por **Pedro Vieira da Silva Peixoto**, professor de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em *Homens de ferro? A deposição de ferramentas em sepultamentos bretões da Idade do Ferro*. Por meio da análise comparativa de sepultamentos da Grã-Bretanha com outros de regiões francesas, o artigo demonstra que por elas perpassava um discurso de identidade de gênero, no qual a caça, a guerra e a metalurgia eram entendidas como atividades de risco e, portanto, masculinas.

Fechando o dossiê, as pedras rúnicas usadas como cenotáfios na Suécia são objeto de interesse de **Leandro Vilar Oliveira**, doutor em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba e pesquisador do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos, em *Monumento aos mortos: um estudo sobre uma função religiosa em pedras rúnicas no final da Era Viking (séc. XI)*. O artigo analisa como, por volta do século XI, ocorreu o início da inclusão, nas pedras rúnicas, de um conjunto de imagens que expressavam uma rica simbologia apotropaica, que serviriam para guiar as almas e proteger os defuntos.



Este número é encerrado com o artigo *A Morte e o morrer dos homens santos, dos amantes e dos políticos nos folhetos de literatura de cordel*, na seção RESENHA. Nele, **Paula Cristiane de Lyra Santos**, professora do Departamento de História e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Regional do Cariri (URCA), nos apresenta o livro de Marinalva Vilar de Lima, intitulado “Loas que carpem: a morte na literatura de cordel”, publicado em 2020, que deu visibilidade a uma das primeiras teses em História desenvolvidas no Brasil sobre a temática da morte na literatura de cordel.

O dossiê que hoje ocupa quase todo o número 14 da **Revista M.** reuniu pesquisadores de língua inglesa, francesa e portuguesa, todos especialistas no mundo antigo. Suas obras nos permitem fazer um amplo tour pelo Egito, Irã, Grécia, Roma, Suécia e Grã-Bretanha. Os estudos também nos levam de volta no tempo, à Idade do Bronze, e nos aproximam do início da Idade Média. Este número, portanto, é uma rica oportunidade de abordar a morte na Antiguidade e, mais uma vez, aponta o valor do trabalho interdisciplinar. Paralelamente, o livro resenhado nos apresenta o modo pelo qual a finitude foi apropriado por um dos maiores expoentes da literatura popular no Brasil. A morte não é patrimônio exclusivo de uma ciência ou uma dada cultura, e a vocação da **Revista M.** é justamente a que nos permite conhecer o tema da finitude a partir de uma perspectiva multidimensional.

